



A Crônica de Esportes no Brasil: Algumas Reflexões ¹

José Carlos MARQUES ²
Universidade Estadual Paulista, Bauru, SP

RESUMO

As colunas e crônicas de futebol representam no jornalismo brasileiro uma espécie de oráculo, de consulta esotérica, que o leitor visita cotidianamente para referendar ou contrastar suas próprias opiniões. A imprensa brasileira, nas últimas duas décadas, vem convidando colunistas de outras editorias a comentar o futebol com o intuito justamente de oferecer outra visão sobre o esporte – diferentemente das idéias comuns presentes nas análises dos jornalistas esportivos. É o que possibilitou à crônica, gênero tão adaptado ao jornalismo brasileiro, ter-se assentado de maneira igualmente confortável na editoria de esportes dos jornais de nosso país – ainda que de uma maneira muito particular: convivem aqui, de forma geral, a crônica em sua acepção medieval (como relato cronológico dos acontecimentos) e a crônica em sua acepção moderna (como um texto que propõe um comentário gracioso sobre o cotidiano).

PALAVRAS-CHAVE: crônica de esportes; imprensa brasileira; futebol; comunicação.

*O cronista, porque faz da matéria da vida
(da sua e da alheia, deste mundo e do outro) a
ponte de comunicação e a própria comunicação,
acho eu que a muito se atreve e arrisca.*

(José Saramago, em *A bagagem do viajante*)

1) CRONOLOGIA DA CRÔNICA

A crônica, como o próprio nome já denuncia, tem origem no termo grego *chronikós*, que dizia respeito às coisas relativas ao tempo (*chrónos*), e chegou até as línguas românicas por meio do termo *chronica*, do latim. Na sua raiz grega, *chrónos* era a divindade que devorava os filhos e que, metaforicamente, representava o tempo que devora os homens – daí o resgate das marcas temporais que são comumente atribuídas à crô-

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Esporte do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Doutor do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP (Campus de Bauru – SP), email: zeca.marques@faac.unesp.br



nica. No início da era cristã, designava uma lista ou relação de acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo, ou seja, organizados em ordem cronológica. A crônica, então, limitava-se ao registro dos eventos, sem tentativas de interpretação ou de análise. No século XII, aproximou-se da História entendida hoje enquanto ciência, mas ainda ostentando acentuados traços de ficção literária, numa “época em que não existiam jornais e cabia aos reis zelar pela memória dos acontecimentos importantes”³. É por isso que podemos dizer que o cronista do passado, ao organizar cronologicamente os fatos que narrava, tinha a responsabilidade de escrever algo para permanecer ao longo dos tempos, de fixar aquilo que, em algum dia, havia sido presente.

Assim, no princípio, a crônica foi crônica histórica, medieval, uma narração de fatos históricos segundo uma ordem cronológica, tornando-se assim precursora da historiografia moderna. Mais tarde, a crônica, como discurso da história, deu lugar a esta. A partir do Renascimento, o termo ‘crônica’ cedeu lugar ao termo ‘história’, que surgiu enquanto ciência e se formou na linhagem do Iluminismo – portanto, circunscrita ao momento tecnológico que antecedeu a Revolução Industrial.

Com a definição “o cronista é o narrador da história”, Walter Benjamin⁴ procura estabelecer uma distinção entre os trabalhos do historiador e do cronista. Segundo o crítico alemão, enquanto o historiador é obrigado a explicar os episódios com que lida, o cronista representa esses fatos como modelos da história, posto que se libertaram desde o início do ônus da explicação verificável. O historiador escreve os fatos buscando explicá-los e interpretá-los; já o cronista, que precedeu o historiador, limitava-se a narrar os fatos, buscando a explicação dos fenômenos por conta das divindades. Para Benjamin, a informação é incompatível com o espírito da narrativa. A imprensa, surgida no alto capitalismo e como fruto da consolidação da burguesia, “inventou” uma nova forma de comunicação – a informação –, uma forma estranha à narrativa e que causou crise no próprio romance. Enquanto os relatos antigos recorriam ao miraculoso e aos aspectos míticos para fazer prevalecer a mensagem, a informação tinha agora que ser o mais fac-

³ “A crônica de Mário de Andrade: impressões que historiam”, de Telê Porto Ancona Lopez, em *A crônica – o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas, Unicamp; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992, p. 165.

⁴ Walter Benjamin, “O narrador”, em Walter Benjamin, *Magia e técnica, arte e política. (Obras escolhidas, vol. 1)*, 4ª ed., São Paulo, Brasiliense, s/d.



tual possível. É a partir desse conceito de Walter Benjamin que se chega à definição da crônica como uma “narrativa abreviadíssima”.

A multidão, o choque entre os transeuntes, a ordem social nas cidades tornam-se assim temas recorrentes na literatura do século XIX, como dão conta as obras de Edgar Allan Poe e Charles Baudelaire tão bem analisadas no célebre ensaio do mesmo Walter Benjamin, intitulado “Sobre alguns temas em Baudelaire”. De algum modo, a obra de Honoré de Balzac já antecipava esse sentimento de “modernidade” que será inaugurado por Baudelaire: daí o sentimento nostálgico e saudosista contido ao longo do romance *As ilusões perdidas* e de toda a *Comédie Humaine* de Balzac. É como se o mito rousseauiano do bom selvagem fosse revisitado, agora sob outra forma: a cidade passa a representar o *logos* por excelência da corrupção dos valores morais dos indivíduos; e o dinheiro torna-se o elemento dominante da nova sociedade burguesa. Já no texto “Discurso sobre a história”, Walter Benjamin analisa a figura do “flâneur”, que inaugura a modernidade literária no século XIX (ver os “Tableaux Parisiens”, de Baudelaire); a literatura já havia absorvido a rua: tanto pode aparecer uma mulher bela quanto uma mendiga, ou cegos, ladrões, vendedores ambulantes, pedintes, artistas de rua etc.:

*O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos. Cada momento vivido transforma-se numa citação à ‘l’ordre du jour’ – e esse dia é justamente o do juízo final.*⁵

O fluxo migratório para as cidades na Europa do século XVIII, a formação das novas metrópoles, os novos conglomerados urbanos, o fim das monarquias absolutistas, o declínio da aristocracia e a ascensão dos padrões burgueses criam assim as condições para o fortalecimento de um meio de comunicação de massa, inserido na nova ordem capitalista que se formava: o jornal. E coube então ao jornal concorrer com a literatura (mais especificamente, com o romance), na mediação da realidade advinda com as novidades tecnológicas do novo mundo que se formava, na esteira da Revolução Industrial. Desse modo, a crônica adere ao meio de divulgação escrita que se massificava – o

⁵ Walter Benjamin, “Sobre o conceito de história”, *op. cit.*, p. 223.



jornal – e chega ao Brasil na tradução do termo francês ‘folhetim’. A crônica, da maneira como chegou aos dias de hoje, nasceu no jornal e para o jornal; entretanto, difere da matéria jornalística *stricto sensu* porque não visa à mera informação. Seu objetivo, aliás, é transcender os acontecimentos do dia-a-dia dos quais ela se nutre:

*O cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhar do acontecimento sua porção imanente de fantasia. (...) A crônica oscila, pois, entre a reportagem e a Literatura, entre o relato impessoal, frio e descolorido de um acontecimento trivial, e a recriação do cotidiano por meio da fantasia.*⁶

No início, o cronista era um folhetinista, e o romance-folhetim anunciava portanto um novo modo bastante particular de produção, de criação e de publicação romanesca no século XIX intrinsecamente ligado ao jornal e apoiado no fragmento, como afirma Marlyse Meyer em seu estudo sobre o folhetim: “O fragmento que mantém acesa a expectativa do leitor sem lhe permitir uma visão de conjunto, análogo ao trabalho entrecortado, à novidade do trabalho fabril. É a mesma técnica fragmentária que caracteriza a transmissão de notícias.”⁷ Mas o folhetim acabou por representar um espaço tipográfico que, por metonímia, transformou-se em qualquer tipo de texto: qualquer escrito que ali aparecesse poderia ser referido como folhetim, e o mesmo acabou acontecendo mais tarde com a crônica, que passou a designar qualquer texto de ordem pessoal não-noticioso que aparecia no jornal.

*Essa parte, um texto de crítica, constituía uma espécie de pequena folha, à parte, no jornal, enquadrada no espaço inferior de suas colunas – “au-rez-de chaussée”, como se referem os franceses. Esta “petite feuille” ou “feuilleton” (folhetim) vai ampliando seus temas para a crítica da literatura, da ciência e da arte, em geral, culminando por apresentar os próprios textos de ficção (romances, novelas, contos).*⁸

Temos assim que, em sua acepção moderna, o termo ‘crônica’ voltou a ser empregado no século XIX, já liberto da conotação historicista e revestido agora de sentido estritamente literário. Se em seus primórdios a crônica histórica tinha a intenção de registrar objetivamente os fatos segundo uma ocorrência cronológica, no século XIX ela vai incorporar uma característica literária: a subjetividade. A crônica passa a ser uma forma literária passageira, criada e forjada no jornal. Não era necessário que tivesse

⁶ Massaud Moisés, *A criação literária*, 10ª ed., São Paulo, Cultrix, 1982, p. 247.

⁷ Marlyse Meyer, *Folhetim – Uma história*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 225.

⁸ “A crônica literária de folhetim de imprensa: textos de Otaviano, Macedo e Alencar”. Maria do Socorro Nóbrega, Tese de Doutorado, FFLCH-USP, 1989, p. 23



grande rebuscamento artístico ou elaboração literária, mas sim que se mostrasse agradável e contivesse uma representação ‘graciosa’ do cotidiano.

*De início – começos do século XIX – le feuilleton designa um lugar preciso do jornal: o rez-de-chaussée – rés-do-chão, rodapé, geralmente da primeira página. Tem uma finalidade precisa: é um espaço vazio destinado ao entretenimento. E já se pode dizer que tudo o que haverá de constituir a matéria e o modo da crônica à brasileira já é, desde a origem, a vocação primeira desse espaço geográfico do jornal, deliberadamente frívolo, que é oferecido como chamariz aos leitores afugentados pela moderna cinza a que obrigava a forte censura napoleônica.(...) Aquele espaço vale-tudo suscita todas as formas e modalidades de diversão escrita: nele se contam piadas, se fala de crimes e monstros, se propõem charadas, se oferecem receitas de cozinha ou de beleza; aberto às novidades, nele se criticam as últimas peças, os livros recém saídos, o esboço do Caderno B, em suma.*⁹

Esse espaço do *feuilleton* é onde se podia treinar a narrativa, e foi do *feuilleton* que se originou, no mesmo espaço, o *roman-feuilleton* e as *varietés* (contos, notícias leves, crônicas, notas, resenhas), que viriam, por sua vez, a formar a crônica tal qual ela chegou ao século XX, recheada de preconceitos no mundo literário e estigmatizada por sua aparente frivolidade:

*Cães vadios, livres farejadores do cotidiano, batizados com outro nome vale-tudo: a crônica. Cães sem dono, também, que são na maior parte anônimos ou assinados com iniciais. Envergonhados, quem sabe, de um escrito que não se enquadra propriamente num gênero, que é quase uma fala, coisa de casa, useira e vezeira, literatura de pé-de-chinelo.*¹⁰

O termo crônica, ligado à idéia de tempo, refere-se igualmente ao fato de a crônica repetir-se também no tempo, já que tem periodicidade definida e bem conhecida pelo leitor. As crônicas e colunas representam também uma produção seriada, publicada num meio de produção cotidiana de texto que é o jornal, que também vem à luz de forma seriada e contínua, todos os dias, sem maiores interrupções.

*Diante de uma percepção fragmentária do tempo, tomando como coordenadas fundamentais o instante e uma insistente tentativa de captar o transitório, textos como esses fazem da própria linguagem apenas uma moldura flexível e capaz de abrigar diferentes aproximações de um presente contínuo semelhante àquele que dimensiona a escrita jornalística.*¹¹

⁹ “Voláteis e versáteis. De variedades e folhetins se fez a chronica”, de Marlyse Meyer, em *A crônica – o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas, Unicamp; Rio de Janeiro, Fund. Casa Rui Barbosa, 1992, p. 96.

¹⁰ *Id.*, *ib.*, p. 128.

¹¹ Flora Süssekind, *Cinematógrafo de letras*, São Paulo, Companhia das Letras, 1987. p. 99.

É a mesma análise empreendida pelo jornalista Alberto Dines em sua obra *O papel do jornalismo, uma releitura*: a partir do momento em que os meios de comunicação se massificam, a sociedade passa a exigir formas mais reservadas para “conversar” com seus interlocutores invisíveis; e o folhetinista do século XIX acaba assumindo no jornal do século XX novas formas para comunicar-se com seu público, por meio dos textos assinados (colunas e crônicas, por exemplo). A crônica, que também é fragmento, funciona paradoxalmente como uma arma do leitor para proteger-se de um mundo cada vez mais fragmentado com a velocidade urbana e a instantaneidade dos fatos inaugurada com o jornal.

Podemos dizer, portanto, que a crônica representou uma resposta literária para o mundo fragmentado e urbano advindo com a Revolução Industrial (assim como o esporte é a mesma resposta no campo do lazer das massas). Trata-se da mesma percepção de Walter Benjamin: “quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação. Metade da arte narrativa está em evitar explicações.”¹² O escritor Carlos Heitor Cony, em crônica publicada no diário *Folha de S. Paulo* em outubro de 2001, lamentava-se nos mesmos termos diante da nova condição imposta ao homem do jornal nos dias de hoje:

Nelson [Rodrigues] sempre reclamou da falta dos pontos de exclamação nos títulos e textos dos jornais. No tempo dele, os jornais gastavam espaço e tinta com enormes pontos de exclamação, abolidos pelos copidesques e pelos manuais de redação que se seguiram. Evidente que o problema não era a exclamação em si, mas o estupor, o pasmo, a perplexidade, a emoção que o sinal ortográfico expressava. Varrendo o sentimento mais autêntico da condição humana (a emoção pura e simples) para o lixo da história e para baixo do tapete do bom gosto, a mídia pasterizou-se, ficou anódina (não gosto dessa palavra, mas vai lá), sem sal, chata como uma galocha aposentada no fundo de um armário.¹³

Não fica difícil verificar por que os jornais passaram a fazer uso da opinião pessoal de determinadas personalidades, nos mais diferentes meios de conhecimento, para aproximar a interpretação da notícia para o leitor. Não basta informar ou transmitir o fato: este tem de ser também pensado e digerido pelo crítico (seja ele um articulista, cronista, colunista ou comentarista). Para o público, a crônica funciona portanto “como um oásis lúdico em meio a aridez das notícias secas”, para utilizar a frase de Antônio

¹² Walter Benjamin, “O narrador”, *op. cit.*, p. 203.

¹³ Carlos Heitor Cony, “O funeral da emoção na mídia moderna”, *Folha de S. Paulo*, 05/10/2001, p. E 18.



Dimas em seu estudo sobre a crônica ¹⁴. Embora não seja mais destinada ao testemunho histórico, a crônica sofre as vicissitudes temporais por se tratar da interpretação parcial de um fato, por ser um texto breve e por ter sido elaborado segundo a urgência ditada pelo jornal.

Ultrapassada como relato histórico, ela metamorfoseou-se, instalou-se no periodismo sem perder, entretanto, na essência, o traço fundamental de depoimento sobre o tempo circundante. Nesta acepção, constituiu-se a crônica um repositório precioso para se avaliar as concepções de seu autor perante o mundo que o rodeia, pois seus (pre)juízos, decorrentes de uma visão de mundo que se estratifica, afloram com espontaneidade ou se deixam surpreender. ¹⁵

Uma das funções do jornal, assim como o entendemos nos dias de hoje, seria informar por meio de uma linguagem que não desse espaço para a ambigüidade. A crônica funciona, ao contrário, como descanso para o leitor, já que ele se fundamenta numa linguagem que tende ser ambígua e plurivocal. Se a literatura não precisa, em princípio, de nenhuma correlação com os fatos da realidade, a crônica tem como ponto de partida justamente os acontecimentos do cotidiano. Daí que a crônica também acaba sendo contaminada pela mesma circunstância que corrompe o discurso jornalístico – a superficialidade da análise, a pressa do texto, a urgência do meio que lhe serve de veículo no contato com o leitor etc. A premência que fustiga o cronista não lhe permite em muitas vezes, uma reflexão mais prolongada e um trabalho textual mais elaborado.

A favor da crônica temos a atualidade dos temas de que ela sempre se nutre e que cria o fator de cumplicidade com o leitor. E, tanto pelo estilo como pelo suporte de sua difusão (o jornal), ela atinge um número de leitores muito superior ao de qualquer outro gênero. ¹⁶ Esse contato constante com o momento presente, seja em referência ao passado, seja em alusão ao futuro, permite à crônica sua sobrevivência, a despeito de ser publicada num meio exíguo, cuja duração está circunscrita às horas do dia. O conceito do tema na obra literária, definido pelo formalista russo B. Tomachevski, ganha assim papel fundamental na composição do texto ficcional:

¹⁴ “Ambigüidade da crônica: literatura ou jornalismo?”, Antônio Dimas, em *Boletim Bibliográfico da Biblioteca Mário de Andrade*, v.46, nº 7 1-4, São Paulo, jan-dez 1985, p. 48.

¹⁵ *Id.*, *ib.*, p. 48.

¹⁶ Margarida de Souza Neves, “Uma escrita do tempo: memória, ordem e progresso nas crônicas cariocas, em *A crônica – o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*, Campinas, Unicamp; Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.



*O tema atual, isto é, aquele que trata dos problemas culturais do momento, satisfaz o leitor. (...) Quanto mais o tema for importante e de um interesse durável, mais a vitalidade da obra será assegurada. Repelindo assim os limites da atualidade, podemos chegar aos interesses universais (os problemas do amor, da morte) que, no fundo, permanecem os mesmos ao longo de toda a história humana.*¹⁷

Chegamos assim a uma nova característica assumida pela crônica no jornalismo moderno: a de ser um texto híbrido, que se aproxima da literatura ao mesmo tempo em que dela se distancia, ao assumir sua condição de texto também jornalístico. Os cronistas modernos abdicam de assumir como tarefa primordial o registro pretensamente objetivo dos fatos para abrir espaço ao comentário pessoal, ao olhar subjetivo, à busca do significado do efêmero e do fragmentário, mantendo o desejo, à semelhança dos cronistas de todos os tempos, de condensar na letra o tempo vivido. O tempo continua sendo a matéria-prima do cronista, mas a crônica moderna busca ser acessível aos leitores e tem como marca de identidade o fato de ser um comentário quase impressionista. A escolha dos temas é arbitrária e sua forma, caleidoscópica, fragmentária e subjetiva. De comum entre elas – história e crônica – o fato de ambas continuarem a construir memória.¹⁸

2) O USO DO TERMO “CRÔNICA” NA IMPRENSA ESPORTIVA

O leitor que acompanha normalmente as páginas esportivas dos jornais brasileiros há de observar com frequência a utilização do termo “crônica”, que vem sendo empregado pela mídia esportiva de maneira indiscriminada desde que os jornais passaram a acompanhar e noticiar eventos desportivos, no início do século XX. Qualquer profissional da imprensa esportiva, seja ele um repórter, um editor ou um radialista, é denominado de “cronista esportivo”. Esses profissionais, apesar de contarem atualmente com sindicatos que representam a classe de jornalistas em todo o país, ainda mantêm até hoje, em diversos Estados do Brasil, as chamadas “Associações de Cronistas Esportivos”, algumas delas criadas na primeira metade do século XX. Entretanto, se atentarmos à palavra “crônica” levando em consideração a sua definição enquanto gênero próximo do literário ou enquanto característica de texto escrito, vemos que ela não poderia ser aplicada de forma tão genérica como ocorre no meio esportivo e no futebol, em particular.

¹⁷ Temática”, de B. Tomachevski, em *Teoria da literatura – formalistas russos*, 3ª ed., Porto Alegre, Globo, 1976, p. 171.

¹⁸ Margarida de Souza Neves, “História da crônica. Crônica da história”, em *Cronistas do Rio*, Beatriz Resende (org.), Rio de Janeiro, José Olympio:CCBB, 1995.



Quando as partidas e campeonatos de futebol começaram a tornar-se mais frequentes no Brasil, por volta da década de 1910, era comum que as reportagens sobre os jogos ocupassem uma página inteira dos jornais mais importantes do Rio e São Paulo. E o relato que se lia era, com efeito, uma crônica a respeito de todo o evento: descrevia-se o tempo e as condições climáticas da cidade, o estado de ânimo dos espectadores, o fluxo de pessoas em torno do estádio e, finalmente, todos os lances da partida, minuto a minuto. Vejamos, a título de exemplo, a seqüência de três textos retirados da obra *História do futebol no Brasil*, de Tomás Mazzoni:

1º texto: crônica do Correio Paulistano sobre a partida Mackenzie 0 x 0 Paulistano, realizada em 1903, ano em que se disputou o segundo campeonato oficial de futebol no Brasil:

Extraordinariamente concorrido esteve o ‘match’ realizado ontem no Velódromo Paulista, e em que tomaram parte os conhecidíssimos primeiros ‘teams’ da Associação Athletica do Mackenzie College e do Club Athletic Paulistano.

(...) O que se passou nesses segundos emocionou tanto os espectadores que, ao ser resolvida, por esse modo, a situação, irrompeu da multidão uma salva de palmas, acompanhada de vivas, etc. Descrever minuciosamente o jogo é tarefa árdua, senão impossível, pois tantos e múltiplos seriam os fatos a narrar.

(...) Podemos entretanto afirmar que raras vezes temos assistido a ‘matches’ em que, como no de ontem, o jogo fosse tão delicado, em que houvesse tão belos ‘shoots’, em que reinasse tanta cordialidade entre os jogadores, em que, em suma, não houvesse um só ‘fowl’ a registrar. As decisões do ‘referee’, sr. Friese, justas e imparciais, foram acatadas por ambos os ‘team’ sem o mínimo protesto.¹⁹

2º texto: registro dos “diários da época” (frase de Mazzoni) sobre o jogo Germania 4 x 3 Fluminense, disputado em 4 de setembro de 1904 em São Paulo:

O ‘match’ começou às quatro horas, mas às três já era difícil conseguir-se um lugar nas elegantes arquibancadas do Velódromo, quase que cheias só de moças, e junto à pista e a toda a volta do campo, sobre os tetos, sobre as árvores, sobre os muros, api-nhava-se, em enorme multidão, o bando infundável de aficionados do belo ‘sport’ inglês.

Os rapazes do Rio foram festivamente recebidos na estação do Norte pelos membros de todos os clubes da Liga e trazidos até o Rotisserie Sportsman, onde se hospedaram.

Servido o almoço, foram quase todos à Floresta, em visita ao Clube de Regatas, e depois voltaram ao hotel, onde se vestiram saindo depois para o Velódromo nos landaus que o Sport Club Germania pôs à sua disposição.

¹⁹ Tomás Mazzoni, *História do futebol no Brasil*, São Paulo, Edições Leia, 1950, p. 43.



Ao chegarem ao Velódromo foram recebidos com palmas e aclamações pelo povo, ansioso de matar as saudades do esplêndido ‘team’ carioca.

No princípio, foi um tanto iludida a sua expectativa: parece que um mau olhar entorpecia os movimentos dos fluminenses; a sua defesa estava incerta; o seu ataque, tão impetuoso sempre, não conseguia guardar a bola um instante.

(...)O Germania, ou melhor, Friese, dominou o jogo nos primeiros momentos, e, apesar e não encontrar nas asas de sua linha de ‘forwards’ o necessário apoio, mantinha violento o ataque do Germania.

Assim é que, devido ao seu trabalho, Vaz Porto faz o primeiro ‘goal’, a que se seguiram, com pequeno intervalo, dois outros marcados por Friese, sendo o segundo um ‘goal’ magistral e de todo indefensável.

Já estava o Germania senhor da situação. Mas o Fluminense, estimulado, tomou-se de novo impulso, apertou mais o ataque, e uma hábil combinação de passes entre Cox, Vasconcelos e Felix, termina por um ‘goal’, chutado a duas ou três jardas, recebido entre aclamações do povo.²⁰

3º texto: relato da *Gazeta*, do Rio de Janeiro, sobre a partida Fluminense 7 x 1 Paysandú, disputada em 3 de maio de 1905, inaugurando a primeira competição da Liga Carioca de futebol:

Às 4 horas da tarde, sob o sinal do ‘referee’, sr. J.C. Morton, foi dado início ao jogo, cabendo o ‘kick-off’ ao Fluminense, que em belos e combinados passes levou a bola até à boca do ‘goal’ adversário, sendo nessa ocasião a mesma posta fora de campo, dando-se desse modo o primeiro ‘goal-kick’. De novo a bola em jogo e após alguns minutos, a linha de ‘forwards’ do Fluminense a despeito da tenaz oposição que lhe opunha o Paysandú partiu em ‘rushes’, sendo marcado o primeiro ‘goal’ pelo sr. Costa Santos, sob os aplausos gerais dos espectadores.

(...) Após o habitual descanso é recomeçado o jogo, notando-se cada vez mais a superioridade do Fluminense que continuamente se achava no campo adversário: em dado momento há uma luta renhida junto ao ‘goal’ do Paysandú, e, Costa Santos, na vontade de mais um ‘goal’, instintivamente faz um hands, que é notado e punido pelo ‘referee’. Logo depois o Fluminense marca o 4º ‘goal’, desta vez feito por Oscar Cox.

(..) E foi assim inaugurada a primeira jornada da Liga não faltando a esta prova todos os atrativos de uma festa esportiva digna de menção. O belo sexo em peso para ali afluiu. Os jogadores vencedores foram alvo de grandes manifestações e não houve um só ‘sportman’ que dali não saísse levando as melhores impressões. Se todas as reuniões forem assim, pode-se contar com um sucesso muito grande, que terá esse ‘sport’.²¹

Ao longo desses textos, podemos verificar que os parágrafos contêm frases curtas, e o resultado do jogo nunca é divulgado no início do texto. Notamos ainda uma preocupação intensa com a descrição detalhada de todos os lances – daí a preocupação do jornalista em dizer que “Descrever minuciosamente o jogo é tarefa árdua, senão impossível” (texto 1). É como se houvesse a necessidade de se narrar minuciosamente os lan-

²⁰ *Id., ib., p. 49-50.*

²¹ *Id., ib., p. 59.*



ces surgidos durante uma partida de futebol, com o requinte de não se esquecer de nenhum detalhe.

Os relatos sobre cada partida eram demasiadamente extensos: os textos demonstravam preocupação exagerada na descrição detalhada de todos os lances. Mas, em suma, pode-se sentir nesses relatos da época uma necessidade de se narrar minuciosamente os lances surgidos durante uma partida de futebol, com o requinte de não se esquecer de nenhum detalhe – daí, talvez, resida o fato de o termo “cronista” ter sido adotado para representar o trabalho desse profissional de imprensa que passou a se ocupar dos relatos futebolísticos nos jornais. Nesse sentido, a crônica assenta-se no esporte no sentido de “relato histórico”, que, como analisamos nas páginas anteriores, representa a utilização do termo na idade média. Os textos sobre esporte e sobre o futebol adquirem assim, na imprensa brasileira, o caráter de crônica no sentido de representarem, no início da invenção da imprensa esportiva nos jornais brasileiros (quando ainda não havia rádio ou TV), uma narração de fatos históricos segundo uma ordem cronológica.

Essa preocupação com o relato de todos os lances da partida, que é a mesma preocupação do cronista histórico em narrar minuciosamente os acontecimentos e fatos vivenciados (cujo exemplo singular em nosso caso é a carta de Pero Vaz de Caminha atestando o descobrimento do Brasil ²²), permanece até hoje na imprensa esportiva. Em 1962, por exemplo, a *Última Hora* publicava, nos dias seguintes aos jogos do Brasil na Copa do Mundo disputada no Chile, relatos detalhados de tudo o que acontecia no campo, como atestam os seguintes títulos:

Data	Página	Título da matéria – Jornal <i>Última Hora</i>
31/05/62	12	Lance por lance da primeira vitória do Brasil no mundial de 62
04/06/62	10	Lance por lance do empate do Brasil com a Tcheco-eslováquia: 0 x 0
07/06/62	14	Lance por lance da sensacional vitória sobre a Fúria
11/06/62	10	Lance por lance da vitória categórica do Brasil sobre a Inglaterra
14/06/62	7	Lance por lance da vitória espetacular do Brasil sobre o Chile: 4 a 2
18/06/62	10	Lance por lance da sensacional vitória do Brasil Bicampeão por 3 a 1

²² É sintomático verificar que o discurso fundador de nosso país afirma-se por meio de uma carta-crônica.



O surgimento da internet, sintomaticamente, irá perpetuar essa tradição por meio dos sítios esportivos: é muito comum o internauta ter à sua disposição, no momento de realização das partidas, o relato minuto a minuto do jogo reproduzido em tempo real na tela do computador. Praticamente todos os principais sítios europeus de esporte mantêm esses relatos por ocasião dos principais eventos realizados em seus países.

A crônica jornalística é, em essência, uma informação interpretativa e valorativa de feitos noticiosos, atuais ou atualizados, de onde se narra algo ao mesmo tempo em que se julga o que é narrado. É o que acontece com a imprensa portuguesa, que publica a “crônica do jogo”, texto assinado e de cunho pessoal, mas sem preocupações literárias ou ficcionais. No Brasil, esse mesmo tipo de texto corresponde ao que chamamos de “relato do jogo”, ou seja, a descrição dos principais lances de uma partida, em ordem cronológica. A diferença é que, no caso dos jornais brasileiros, esses relatos não são “textos de autor”, ou seja, não contêm marcas enunciativas que denotem abertamente a subjetividade de quem escreve, já que procuram a informação mais objetiva e imparcial.

É singular que a imprensa esportiva brasileira tenha assumido o uso do termo crônica em sua acepção medieval – a de crônica histórica e de narração de fatos –, contrariando a definição moderna do termo, assumida no final do século passado com o incremento da indústria jornalística – daí a pertinência da afirmação de Paulo Mendes Campos, de que a imprensa esportiva brasileira ainda não realizou sua Semana de Arte de 22. Sua afirmação, nesse sentido, torna-se cada vez mais pertinente. Será que a imprensa esportiva brasileira, de fato, ainda não realizou sua Semana de Arte Moderna?

De todo modo, cabe frisar que a presença de colunistas e cronistas de futebol nos jornais criou uma tendência que provocou mudanças significativas na chamada “grande imprensa” brasileira a partir do final da década de 1980, alcançando toda a plenitude na década de 1990. Uma importância cada vez maior passou a ser creditada às coberturas esportivas e à presença de colunistas e cronistas por ocasião das Copas do Mundo de Futebol, disputadas de quatro em quatro anos e que sempre mobilizam maior atenção de leitores e patrocinadores. Nesse sentido, é singular verificarmos como a crônica assentou-se de maneira tão confortável no mundo do futebol e como o seu desenvolvimento nos jornais acompanhou também a popularização dessa modalidade esportiva nas grandes cidades, ambos como sintoma do crescimento urbano do país. E se a crônica está

relacionada invariavelmente a assuntos do cotidiano, quase sempre secundários e sem importância, o futebol tornou-se um tema apropriado a ela, uma vez que, enquanto jogo e entretenimento, ele também estaria desligado das esferas sérias da vida.

Além disso, as figuras do colunista ou do cronista de esporte não são invenção recente da imprensa brasileira. Os diários esportivos, segmentados, há muito tempo utilizam-se desse recurso para incrementar o noticiário sobre o futebol. O *Jornal dos Sports*, já na Copa de 1950, contava com as colunas e crônicas de Mario Filho, José Lins do Rêgo, Tomaz Mazzoni e Vargas Netto comentando o Mundial realizado no Brasil. Poucos anos depois, caberia ao jornal *Última Hora* enriquecer a cobertura esportiva ao diferenciar-se dos demais diários cariocas. Nos dizeres de Samuel Wainer, a receita de sucesso de seu novo empreendimento seria dispor de “*muitos colunistas*” e abordar “*assuntos habitualmente desprezados pela imprensa – esporte e polícia, por exemplo*”.²³ A contribuição da *Última Hora* ao noticiário esportivo não se esgotaria nesses aspectos, mas também no lançamento de novas seções e no fato de que notícias esportivas e policiais passaram a freqüentar assiduamente a primeira página, numa ousadia inusitada para um veículo que buscava concorrer com a *Tribuna da Imprensa*, *O Globo* e *Diário de Notícias*. Em 1951, Wainer apresentaria outra inovação surpreendente:

*Pela primeira vez na história da imprensa brasileira a foto colorida de um time de futebol [o Fluminense] saiu na primeira página de um jornal. A edição esgotou-se rapidamente e eu descobri a cor, que seria um dos ingredientes mais picantes da receita de sucesso da ‘Última Hora’.*²⁴

Em 1962, a presença de colunistas era marcante na *Última Hora*: assinavam colunas, por exemplo, os jornalistas Jacinto de Thormes (“Sociedade e adjacências”), Paulo Francis (“Show business”) e Marques Rebelo (“Conversa carioca”). Na editoria de Esportes, havia Wilson do Nascimento (“Na reta final”, sobre turfe), Albert Laurence (“Ponto de vista”) e João Saldanha (“Contra-ataque”). Em 24 de maio de 1962, a *Última Hora* trazia um anúncio na primeira página sobre a cobertura do jornal para a Copa do Mundo do Chile: intitulado “UH no ‘front’ da Copa 62”, a peça fazia alusão ao “escrete nacional de repórteres e colunistas” convocados para cobrir o evento diretamente do

²³ Samuel Wainer, *Minha razão de viver – memórias de um repórter*. (org. Augusto Nunes) 15ª ed., Rio de Janeiro, Record, 1993, p. 135.

²⁴ *Id., ib.*, p. 146.



Chile. Ao todo, eram oito pessoas, entre repórteres, fotógrafos e colunistas (estes, representados por João Saldanha, Albert Laurence e Jacinto de Thormes).

É singular notar como jornais de maior apelo popular, como a *Última Hora* em seu tempo, costumam recorrer aos nomes consagrados, às grandes personalidades, ou simplesmente à opinião pessoal e polêmica (em última instância, ao fenômeno que designei como uso das “grifes”, discutido no capítulo anterior) para impor-se frente à concorrência. Quando as Organizações Globo adquiriram em São Paulo o *Diário Popular* e o rebatizaram de *Diário de S. Paulo* em 2001, as peças publicitárias de rádio e TV que anunciavam a novidade apelavam ao diferencial dos “22 colunistas” que o jornal mantinha em diferentes áreas. E mesmo os sítios dos principais jornais brasileiros da atualidade mantêm hoje um link exclusivo, normalmente identificado como “colunistas” ou “colunas” para remeter aos profissionais mantidos sob contrato, incumbidos de comentar e escrever sobre os acontecimentos do dia-a-dia.

Em épocas de Copa do Mundo, especialmente nas últimas edições desse evento, o número de colunistas e cronistas chegou a números elevados nos principais jornais brasileiros, demonstrando que as “opiniões de grife” continuam representando um recurso importante na guerra mercadológica do meio impresso. Assim como os jornais recebem altos investimentos durante as Copas por meio das cotas de patrocínio, a cobertura acaba inchando também em função do maior número de páginas que deve ser ocupado na cobertura do evento. Como o espaço dedicado ao futebol aumenta, a forte presença de colunistas e cronistas representa assim, além da ocupação desse espaço inespereado e de uma nova oferta ao leitor, uma arma de cada veículo para combater os jornais concorrentes. E esse investimento remetido para o futebol reflete a importância desse esporte junto aos torcedores e leitores comuns, ligados à esfera popular em nosso país:

*No contexto brasileiro, o esporte, sobretudo o futebol, representa um lugar de possibilidades, porque o sujeito brasileiro se percebe como sujeito de direito no futebol. Na posição de torcedor, esse sujeito ocupa o lugar de enunciação que lhe permite uma postura mais participativa e, portanto, contrária à posição de excluído que o discurso fundador do colonizador lhe impingiu desde o descobrimento.*²⁵

²⁵ Pascoal Luiz Tambucci, “Pelé, no Masp, reverência a um ícone de realização”, *Jornal da USP*, 18 a 24/03/2002, p. 20.

Soma-se a isso o fato de que as figuras dos homens da imprensa esportiva continuam exercendo forte apelo junto ao público; no caso dos que aparecem em transmissões ou em programas de televisão, sua visibilidade é tamanha a ponto de também eles se transformarem em agentes do espetáculo, reafirmando-se assim o esporte elevado à enésima potência, nas definições de Umberto Eco. Ou como bem definiu mais uma vez Simoni Lahud Guedes,

*A maioria dos jornalistas esportivos – comentaristas e repórteres – são atores importantes do campo esportivo, sendo muito conhecidos do público, algumas vezes tão populares quanto os jogadores famosos. Operam decisivamente na mediação entre o público e o espetáculo, descrevendo eventos, fornecendo perspectivas de análise, colocando em foco determinados aspectos e obscurecendo outros, estabelecendo correlações e distinções. Elegem os temas e os ângulos de discussão.*²⁶

Por todos esses motivos, pode-se afirmar que a primazia de poder eleger temas e ângulos de discussão é levada às últimas conseqüências pelos colunistas e cronistas, que acabam assumindo, mais do que meros repórteres ou redatores, a imagem dos depositários da sabedoria milenar. Colunas e crônicas representam assim uma espécie de oráculo, de consulta esotérica, que o leitor visita cotidianamente para referendar ou contrastar suas próprias opiniões. O recurso utilizado pelos jornais de chamar colunistas de outras editorias (como cultura ou política) para comentar as Copas do Mundo tem o intuito justamente de oferecer uma outra visão sobre o futebol – diferente das idéias comuns presentes nas análises dos jornalistas esportivos. É o que possibilitou à crônica, gênero tão adaptado ao jornalismo brasileiro, ter-se assentado de maneira tão confortável na editoria de esportes dos jornais de nosso país – ainda que de uma maneira muito particular: convivem aqui, de forma geral, a crônica em sua acepção medieval (como relato cronológico dos acontecimentos) e a crônica em sua acepção moderna (como um texto que propõe um comentário gracioso sobre o cotidiano). A riqueza dessa produção é o que vem permitindo que a crônica literária, aquela forjada no século XIX, comparecesse igualmente – e de modo singular – nas páginas esportivas de nossos diários, como atestam os textos seminais de Mário Filho e Nelson Rodrigues, cuja tradição postergou-se e mantém-se presente por meio de expoentes como Armando Nogueira, Sérgio Porto, João Saldanha, José Roberto Torero, e Xico Sá – só para citar alguns nomes.

²⁶ Simone Lahud Guedes, *O Brasil no campo de futebol*. Niterói, Eduff, 1998, p. 45.